

Mobilidade: o fim das paredes

Quando os celulares chegaram ao mercado brasileiro, em meados da década de 90, mais ou menos na mesma época que os primeiros provedores de internet, não dava para imaginar o quanto o mundo da informação iria mudar nos quinze anos seguintes. Com os velhos Startacs analógicos e com as lentas conexões discadas, o mundo parecia evoluir lenta e naturalmente para uma nova fase de comunicações. Passamos a carregar nossos 'modernos' aparelhos na cintura como um troféu, conquistado após anos na fila de espera da operadora local e não nos incomodávamos com as altíssimas tarifas para fazer e para receber ligações, desde que fossemos vistos por amigos e colegas como alguém antenado na nova tecnologia.

A internet, coitada, sofria com as conexões por modems com velocidade de 2400 e 4800 kbps (kilobits por segundo), mas já nos oferecia o correio eletrônico, uma interessante e barata maneira de nos conectar com o mundo sem ter que escrever cartas e mandar pelo correio.

No mundo corporativo, onde o correio eletrônico interno já era uma realidade desde a época dos mainframes, de uma hora para outra todos começaram a perguntar qual era a dificuldade de enviar mensagens para outras caixas postais fora do escritório. Claro que os programas de comunicação tinham que ser refeitos, o domínio (aquele ".com.br") registrado corretamente e os endereços externos associados aos endereços internos de cada usuário antes que as mensagens pudessem ser enviadas para o mundo a partir da sua mesa, mas o esforço para as equipes de informática parecia fazer sentido a longo prazo.

Bom, o tempo foi passando e, no início do milênio atual, aquilo que parecia ser um inferno tecnológico acabou sendo absorvido pelo suporte técnico dos escritórios, misturando os correios eletrônicos interno e externo, sem que o usuário realmente se preocupe em distinguir um do outro.

Na telefonia celular, os aparelhos foram ficando menores, mais leves, mais coloridos, mas sempre serviam primordialmente para falar. Um ou outro modelo apresentava recursos de música ou de fotografia, sem grandes conseqüências para a evolução das comunicações, sendo apenas outra daquelas evoluções naturais quando a tecnologia está sobrando.

Em 2001, por motivos traumáticos, o mundo começou a perceber uma nova tecnologia que iria moldar os anos seguintes promovendo a tal da "Convergência" sobre a qual muitos já estavam discutindo há algum tempo mais que ainda não havia saído do papel. Em 11 de Setembro, Nova York foi alvo do ataque às torres gêmeas e, com a queda delas, deixou inoperante todo o circuito elétrico e de telefonia fixa e celular de toda a região por vários dias. Os nova-yorkinos, no meio do caos, descobriram que os seus aparelhos Blackberries continuavam funcionando normalmente pois usavam um sinal de rádio que não foi afetado pela queda do circuito de telefonia. A partir daí a RIM, criadora do Blackberry (que servia apenas para envio e recebimento de curtas mensagens, como um 'pager' bi-direcional), ganhou o fôlego necessário para

desenvolver novos aparelhos e entrar numa briga de "gente grande", olhando o mercado de uma forma que os outros fabricantes de celulares não tinham olhado ainda. Na percepção deles e na experiência adquirida com os Blackberries originais, o teclado completo é uma peça fundamental para envio de mensagens; além disto, porque se limitar a mensagens curtas, no formato SMS, quando na verdade o usuário poderia acessar a internet pelo próprio celular e trocar mensagens com o mundo? Em termos práticos, o BlackBerry se posicionou como uma ferramenta de trabalho enquanto os outros celulares se posicionavam como uma ferramenta de comunicação falada e de lazer.

Finalmente, chegamos aos dias atuais onde os celulares evoluíram, ganharam telas maiores e, graças à Apple e à genialidade de Steve Jobs, passaram a contar com o iPhone como seu principal representante nesta nova fase das comunicações. Generalizando e sem tirar o mérito dos demais fornecedores, este é o ponto onde o mundo das comunicações móveis está hoje: de um lado o BlackBerry, uma ferramenta de trabalho usada para lazer, e do outro lado o iPhone, uma ferramenta de lazer usada para trabalho.

Porque digo isto? Nestes últimos anos, com a presença da tecnologia GSM e as operadoras de telefonia celular disputando um a um os 140 milhões de aparelhos celulares existentes no mercado nacional, o custo da troca de dados digitais (navegação pela internet e correio eletrônico) despencou e a velocidade desta troca de dados cresceu muito. Com isto, os fornecedores de sistemas de correio eletrônico passaram a oferecer esta possibilidade ao usuário final, permitindo que as mensagens sejam lidas praticamente de qualquer lugar onde haja sinal para comunicação celular. O próprio BlackBerry, ao longo dos anos, abandonou a sua rede proprietária de dados, que lhe trouxe sua grande oportunidade, e abraçou a telefonia celular como meio de transmissão de dados. Na prática, eles se conscientizaram que o seu diferencial era a maneira como seu aparelho estava montado e não a infraestrutura por trás.

O iPhone, por outro lado, em poucos anos se tornou objeto de cobiça de todos os que ainda não o tem e, mesmo entre os proprietários destes aparelhos, a brincadeira é comparar os programas que um tem e o outro não.

De certa forma, estamos reeditando uma disputa entre tecnologias tal qual vimos na década de 70 entre os padrões VHS e Betamax para videocassetes. O primeiro de qualidade inferior em som e vídeo, mas de padrão aberto onde todos os fabricantes podiam criar fitas e o próprio aparelho de reprodução delas; o segundo, muito mais avançado, era exclusivo da Sony. O resultado disto é que o padrão Betamax praticamente desapareceu do mercado enquanto o padrão VHS sobreviveu mais 30 anos até o surgimento dos DVDs e agora dos gravadores digitais. Comparando grosseiramente, o iPhone é o padrão aberto, com milhares de aplicativos à disposição de todos, enquanto o BlackBerry é o padrão proprietário com apenas os aplicativos que o próprio fabricante resolver disponibilizar. Se vamos ter o mesmo final da estória, apenas o tempo dirá...

Em comum aos dois e também disponível de várias outras formas, é inegável que estamos entrando numa era de escritórios virtuais. Este conceito não está ligado à inexistência de fato do escritório físico, com mesas, cadeiras e nome do escritório na porta, mas sim às possibilidades de acesso à informação que os integrantes do escritório terão mesmo estando fora do escritório. Até pouco tempo, para ter acesso aos documentos produzidos, usar o sistema do escritório ou olhar o e-mail, era necessário estar fisicamente dentro do escritório onde estes dados estavam digitalmente gravados no servidor. Com o advento da internet pelos celulares e pelos modems para laptops, o usuário pode estar praticamente em qualquer lugar e acessar o escritório ou praticamente qualquer outro site. Neste momento, começa a entrar na equação um novo conceito que está se popularizando a partir deste ano: a computação na nuvem (ou '*cloud computing*'). Este termo, vindo da representação gráfica de nuvem usada há anos para indicar a internet, serve para dar ao usuário a confiança de que pode chegar aos dados necessários para executar suas tarefas diárias a qualquer momento de qualquer lugar. Na prática, ao invés de gravar um documento no servidor do escritório, o usuário direcionaria a gravação para uma 'pasta' protegida na internet. Para o usuário final, não faz a menor diferença pois esta pasta pode estar mapeada com uma letra (G:, H:,...) da mesma forma que os diretórios atuais. A parte boa é que este documento estará disponível também num sábado à noite ou no meio de uma reunião com o cliente, a partir de um site na internet, com o mesmo grau de confidencialidade que existe atualmente.

No correio eletrônico, o pioneiro destas grandes aplicações no ambiente *web*, a invasão de Blackberries e iPhones no mercado já é uma demonstração clara do potencial destas aplicações. Para o usuário final, não faz a menor diferença se o e-mail está hospedado no servidor do escritório ou na internet, desde que a mensagem chegue ao aparelho assim que recebida. No dia-a-dia, dificilmente o usuário pára para pensar onde está este servidor desde que o serviço funcione normalmente.

Este termo 'serviço', inclusive, é o que vem norteando as decisões dos fornecedores e dos profissionais de Tecnologia da Informação nos últimos anos. Cada vez mais, o mercado abandona o conceito de propriedade, de compra de produtos, e passa a considerar os serviços disponíveis gratuitamente, a um custo pequeno ou que sejam cobrados pelo uso, que estão à disposição na internet. A gigante Google, por exemplo, disponibiliza gratuitamente o GoogleDocs (documentos gerais), o GoogleCalendar (calendário corporativo) e várias outras ferramentas para pequenas empresas, tudo gratuito.

Para o profissional do Direito, as possibilidades são realmente fascinantes. Imaginem-se sentados num cyber-café qualquer, com o seu laptop, com o seu 'telefone' ou uma máquina pública, acessando todos os seus documentos gravados no GoogleDocs, compartilhando isto com os outros integrantes do escritório. Ao fim da edição do documento (planilhas, documentos, apresentações, etc.), o usuário poderá se logar no seu sistema de gestão do escritório, também disponível num outro servidor que pode estar em qualquer lugar do mundo, e lançar as horas, as despesas, os andamentos

processuais, emitir as faturas e acompanhar as despesas, visualizando o seu Contas a Pagar e já providenciando o pagamento via internet banking. Todos estes serviços já são parte do cotidiano de milhares de advogados independentes ou integrantes de pequenos escritórios, aqui e no mundo, que optaram por não ter o seu espaço físico com o nome na porta. Com isto, o custo fixo despenca e o advogado pode se concentrar no exercício da profissão e no relacionamento com seus clientes. Se realmente precisar de um espaço físico para uma ou outra reunião, centenas de salas de aluguel são oferecidas nas grandes cidades; caso contrário, pode tranquilamente trabalhar em casa (home-office) ou de qualquer outro lugar a partir do qual possa se conectar com o mundo. Uma vez conectado, a nuvem é o limite...